

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CENTRO DE MEMÓRIA DO SUL FLUMINENSE GENIVAL LUIZ DA SILVA
(CEMESF)

Proibida a publicação no todo ou em parte. Permitida a citação.
Permitida a cópia digital. A citação deve ser textual, com indicação
de fonte conforme abaixo.

OLÍMPIO, Adel Carlos, Adel Carlos Olímpio (*testemunho da
verdade, 2014*). Volta Redonda, Comissão Municipal da Verdade
de Volta Redonda, 2014. 18 p.

ADEL CARLOS OLÍMPIO
(depoimento, 2014)

Volta Redonda

2022

Ficha Técnica

tipo de entrevista: Depoimento prestado à Comissão Municipal da Verdade de Volta Redonda
entrevistador(es): Edgard D. A. Tonolli Bedê
transcrição:
conferência da transcrição: Maria Amália Sarmiento Rocha de Carvalho
copidesque:
local: Volta Redonda - RJ - Brasil
data: 04/11/2014
duração:
páginas: 18

Entrevista realizada no âmbito dos trabalhos da Comissão Municipal da Memória e da Verdade de Volta Redonda D. Waldyr Calheiros (CMV-VR), criada pela Lei Municipal 4.945/2013, para um mandato de dois anos (2013-2015), e composta pelos membros: Alex Martins Rodrigues (Presidente da OAB/VR, Presidência da Comissão), Vereador Jerônimo Telles (representante da Câmara Municipal de Volta Redonda, Vice-Presidência), Lincoln Botelho da Cunha (representante do governo municipal, Secretário Geral), Mara Lúcia Borella (representante da Diocese de Volta Redonda/Barra do Piraí), Ozanan Carrara/Ana Paula Poll (representantes do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFF/Volta Redonda); pelos membros colaboradores Marcos Aurélio R. Gandra, Marlene Fernandes, Vicente Paulo de Melo; pela assessora Ana Cristina Carreiro Almeida; e pelo pesquisador/relator Edgard D. A. Tonolli Bedê. O desenvolvimento das atividades de degravação contou com o apoio da Fundação de Pesquisa do estado do Rio de Janeiro (Faperj), no período de 2014 a 2016. No período de 2019 a 2020 os trabalhos de degravação e revisão foram realizados por bolsistas, voluntários e pesquisadores do CEMESF com o apoio de emenda parlamentar do ex-deputado federal Wadih Damous.

Palavras-chave: Acampamento Central, A Voz do Brasil, Departamento de Operações, Escola Técnica Pandiá Calógeras, Fábrica de Estruturas Metálicas, Federação das Associações de Moradores do Estado do Rio de Janeiro, Greve de 88, Greve Geral, Jornal A Verdade, Oposição Sindical, Organização Técnica de Construções Refratárias Ltda., Sindicato dos Metalúrgicos.

Entrevista: 04/11/2014

Edgard Bedê: *Hoje é dia 04 de novembro de 2014, estamos aqui no auditório da Ordem dos Advogados do Brasil de Volta Redonda na sessão de depoimentos em nome da verdade, da Comissão Municipal da Verdade Dom Waldyr Calheiros. Meu nome é Edgard Domingos Aparecida Tonolli Bedê, iniciamos agora o depoimento de Adel... eh... foi sindicalista, perseguido e demitido eh... durante o processo de luta dos operários é testemunha da agressão a classe operária em Volta Redonda. Vou começar perguntando ao Adel se ele concorda que seu depoimento seja gravado, filmado e disponibilizado para fins de memória, de pesquisa, de divulgação.*

Adel Carlos Olímpio: Sim, concordo.

EB: *Qual seu nome completo Adel?*

ACO: Adel Carlos Olímpio.

EB: *Quando você nasceu e onde?*

ACO: Eu nasci no dia 15 de maio de 1953, nessa cidade de Volta Redonda.

EB: *O nome do seu pai, da sua mãe.*

ACO: Papai chamava Adelino Olímpio e minha mãe Carlinda Margarida de Jesus Rolim.

EB: *Do que vivia seus pais?*

ACO: Meu pai era carpinteiro na CSN¹, no antigo DOF², departamento de oficinas, depois SOM³, superintendência de oficina mecânica na CSN. Minha mãe, do lar.

EB: *Em quantos era sua família?*

¹ CSN - Companhia Siderúrgica Nacional

² DOF - Departamento de Oficinas

³ SOM - Superintendência de Oficinas Mecânicas

ACO: Nós éramos um total de seis filhos biológicos e os agregados, aqui em Volta Redonda sempre tinham os primos.

EB: *Vocês moravam aonde?*

ACO: Quando eu me conheci, né? Me conheci concatenado com as ideias, eu morava no Acampamento Central, na rua D, no número 48. Eh... logo depois do Golpe Militar, ainda em abril... a gente mudou aqui para o Nossa Senhora das Graças, na rua mil... é... 1535, 347.

EB: *Você, eh... quando começou a estudar e entrar no mundo da... do trabalho, do estudo, do trabalho, você eh... teve alguma formação técnica, você entrou pra escola técnica?*

ACO: É... eu cheguei a cursar Escola Técnica um ano. Eh... primeiro estudei no Colégio Estadual Barão de Mauá, onde eu fiz o... parte do primário. Depois fui para o Colégio Volta Redonda, onde fiquei por dois anos, depois fui para a Escola Técnica Pandiá Calógeras, e logo depois saí e fui morar em Itaguaí. E lá, então, eu deixei de estudar.

EB: *Quando você voltou... você trabalhou... eh... veio de volta para Volta Redonda, você... para a CSN?*

ACO: Eh... eu fui para Itaguaí nos anos de 1969, precisamente no mês de agosto, e retornei em dezembro de 1973, entrei para trabalhar em fevereiro na OTECREL⁴, fazendo a construção da bateria 3 da CSN de Coqueria. Eh... logo em junho foi feita uma seleção na Companhia Siderúrgica Nacional, a prova foi realizada na Escola Técnica Pandiá Calógeras, aí, eu consegui minha classificação e entrei, logo fui conduzido para a função de operador de equipamentos móveis, aonde eu treinei por algum tempo, alguns meses, na Fábrica de Estruturas Metálicas, a FEM⁵. Mas eu trabalhava no departamento de operações, DOP⁶, né.

EB: *Você... eh... iniciou sua formação política, sindical como?*

⁴ OTECREL - Organização Técnica de Construções Refratárias Ltda.

⁵ FEM - Fábrica de Estruturas Metálicas

⁶ DOP - Departamento de Operações

ACO: Olha, eh... eu era de uma família, como eu disse, de operário. Eh... meu pai não era uma pessoa que tinha formação, nem minha mãe, mas meu pai ouvia muito A Voz do Brasil e falava de umas coisas de sindicato, não é? Eh... assim que eu fui trabalhar na CSN, papai já estava aposentado, eu já estava morando em Pinheiral, eh... ele me orientou... assim que eu admitido, primeiro dia de trabalho, ele me orientou a me sindicalizar e a também ser sócio da caixa beneficente dos empregados da CSN. E aquelas orientações de pai, ser um bom operário, cumprir com meus deveres... então, eh... a partir daí eu me tornei essa pessoa cumpridora dos meus deveres, inclusive, tive prêmio em dobro de 5 anos, já que... tem prêmio de 5 em 5 anos para as pessoas que não tivessem... eh... nenhuma falta... eh... recebia o prêmio em dobro e uma medalhazinha, que essa eu não consegui receber, porque eh... aliás, tinha o prêmio de 5 e de 10 anos, né, eh... na de 10 anos eu consegui receber já que eh... eu fui até agraciado pelo engenheiro Hélio da Mota Hays no 12º andar, logo depois eu fui demitido já por participação, um tanto em quanto, empírica, eh... porque eu tinha noção de que se eu cumprir os meus deveres a empresa também teria cumprido os deveres dela e isso eu observava que não acontecia, né. Os trabalhadores davam de si, e a empresa pelo seu lado, uma empresa pública não contemplava os trabalhadores e a gente tinha que ficar brigando para que as coisas vir a acontecer e nisso eu contrariado com esse tipo de coisa, num chamamento do movimento sindical que naquele momento começou a ficar latente aqui na região, haja vista os eventos do ABC⁷ Paulista, né. O Juarez buscando ser novo dirigente sindical da...

EB: *Oposição...*

ACO: É... da Oposição Sindical aqui em Volta Redonda, ou seja, assumiu o Sindicato dos Metalúrgicos, eh... eu já comecei a despertar, eh... então como eu disse foi um despertar, eu costumo dizer que boa parte dos companheiros que eu milito vieram do movimento religioso, né, principalmente da igreja católica. Mas eu vim não do movimento religioso, mas um despertar, como eu disse, empírico, eu via que tinha uma contradição, aí pegando as informações das lideranças eu comecei a aderir a esse tipo de propósito e aí no primeiro movimento no... na FEM, eu já fui, na hora do almoço, eu já usei da palavra, eh... já despejando tudo aquilo que eu via que era contrário, aquilo que me ensinaram que a empresa não fazia, e a partir daí então eu fiquei marcado, né. E aí, comecei a ter algumas punições, que foram no meu

⁷ ABC - ABC Paulista - região industrial do estado de São Paulo

caso, eh... não foi nem suspensão nem repressão, foi a demissão sumária, né, a demissão sumária.

EB: *Quando você foi demitido pela primeira vez?*

ACO: Olha, é uma data, assim... difícil...

EB: *Você foi demitido várias vezes?*

ACO: Eu fui demitido várias vezes da CSN. Até as pessoas brincam comigo, né, “*Pô, mas você foi demitido...*”, eu fui demitido várias vezes da Companhia Siderúrgica Nacional. A primeira, ela é inesquecível porque ela foi no dia 09 de novembro de 1985, né, dia 09 de novembro... já tinham feito a primeira greve da CSN, do qual tive uma participação interna como ativista e também *piqueteiro*, né.

EB: *Você era vinculado a algum grupo político?*

ACO: Não, não era, nesse momento até vinculado a um grupo político. Eu só participava como um chamamento do Sindicato, né. Eh...

(pausa)

EB: *Não está funcionando... aí você... você era ligado ao Partido dos Trabalhadores?*

ACO: Eh... nessa época ainda não. Eu comecei a... como eu disse anteriormente, eu comecei a participar pelo chamamento da direção do Sindicato, eh... eu já militava espontaneamente antes do Juarez assumir o Sindicato no... na eleição sindical de uma participação lá dentro chamando as pessoas para votar com o Juarez já que ele sempre ia fazer reunião no pátio da FEM, né. E aí eu conheci de lá, ele levava o jornalzinho A Verdade, e tal, eh... e logo em seguida então que o... participei da greve, aí sim eu fui pra reunião de ativista que foi chamado pra organizar a greve, participei dessas reuniões todas, das assembleias também. Nessas assembleias eu não cheguei a falar, mas nas assembleias dentro da fábrica eu já usei da palavra, eh... e no ano seguinte, depois da primeira greve, que foi em junho de 84, eh... no ano seguinte a FEM estava fazendo uma campanha porque a... nesse período, nesse período a FEM passou a ser uma

subsidiária da Companhia Siderúrgica Nacional. Eu era funcionário da CSN, eh... minha matrícula era 22804, minha matrícula, e tinha companheiros que, inclusive, revezavam comigo no equipamento que era funcionário da... da FEM, sociedade anônima. A CSN fez um acordo com a gente, né. Que foi o possível. Só que esse mesmo acordo a FEM não queria assumir para os seus funcionários. E aí, eu, novamente me indignando com esse tipo de coisa, já que no meu caso eu inclusive revezava com companheiros que eram funcionário da Fábrica de Estruturas Metálicas sociedade anônima, eu não achava, eh... direito, eu ter um salário melhor que... que ele, já que nós fazíamos a mesma função. E aí eu entrei nessa luta apoiando, né. E aí numa fala que eu tive dentro da fábrica fazendo um paralelo de engenheiros que chegavam na fábrica pouco tempo e logo em seguida estavam bem aquinhoados, eh... diferente dos outros colegas, a mesma coisa não acontecia. E aí o engenheiro José Mercante, vulgo Carcará, que era o diretor técnico da empresa, ele pediu a minha demissão. Então a... a Companhia então acatou, inclusive dizendo que era ele... eu tinha uma ficha limpa, não tinha problema nenhum com a empresa. E aí segundo informações, eh... ele tentou... a direção tentou ponderar com ele, me falou que era ou eu ou ele, né? E aí, a empresa me demitiu.

EB: *E você voltou como?*

ACO: Aí eu fiquei fora de abril até dezembro. Aí uma negociação com Juarez, aí nesse período o Juarez estava em campanha também dentro da fábrica, o pessoal... quando ele chegava na FEM o pessoal cobrava o meu retorno, né, “E o Adel? E o Adel?”, e aí ele foi obrigar a sentar com Juvenal, doutor Juvenal o presidente da empresa, e ele... Rosalice também estava nessa negociação, e aí eu fui chamado no GGERI⁸, gerência geral de relações industriais, o senhor Luiz Xavier que era o responsável e que disse que eu estaria retornando, aí até eu fiz uma pergunta para ele se eu ia para a FEM, ele disse: “Não, você não vai para a FEM, você vai para a SOM, porque lá o engenheiro José Mercante não quer você lá”. Como eu precisava do emprego, aí eu me aqueci e voltei para a FEM.

EB: *Você continuou militando lá...*

ACO: Aí, que aí o *bicho pegou*, né. Porque aí lutando por uma coisa justa, né. Eh... acabei sendo punido. E aí eu fiquei mais indignado e aí que, vamos dizer assim, recrudesciu a luta,

⁸ GGERI - Gerência Geral de Relações Industriais

né? Aí, aí sim eu comecei a participar de outras reuniões, eu era convidado, eh... em seguida o Sindicato fez um... um seminário nos irmãos maristas em Vassouras foi colocado um ônibus para levar o pessoal de trabalho, eu estava nessa, nesse seminário. Com pessoal do... de uma entidade de... que dava... estação lá no Rio.

EB: *A FASE*⁹.

ACO: A FASE. Isso a FASE, a FASE também... a primeira vez que eu tive contato com esse pessoal também, eu tive contato com o pessoal do CEDAC¹⁰ e, né. E várias outras organizações, outras entidades nesse nível. (inaudível) Então, dessa vez, nessa vez, foi a FASE que deu, foi um dos primeiros cursos de capacitação militante que eu tive e logo em seguida em conversando com Cerezo, o falecido Maurício Batista, o Boquinha, com o Nilson, o Idelfonso, aí me aproximei deles, e tal, e aí eu comecei a militar próximo a eles e aí eles me levaram para o Partido dos Trabalhadores. Que eu tinha na minha mente, assim, empiricamente de me filiar não sei porque cargas d'água, uma, assim... interessante, agora eu fico pensando no Partido Comunista Brasileiro, para vocês terem uma noção da questão ideológica, mas era uma coisa que me chamava, né. Quando eu via Partido Comunista Brasileiro, e tal, sem ter nenhuma noção, eu já pensava nisso. Mas aí depois próximo desses companheiros, eles me levaram para o PT¹¹, onde vi que tinha, mais ou menos, também, uma certa gravidade guardada a questão ideológica, porque tinha alguns companheiros, como eu disse, dentro do PT, mas a grande maioria não era comunista como o Lula, até eu gosto de fazer, porque eu rio quando alguém fala que o Lula é um comunista, né. Nada a ver.

(Risos).

EB: *Ô, Adel, eh... agora na questão da... do seu testemunho sobre as invasões militares na CSN. Eh... a gente tem informação que a primeira invasão ocorreu em 60, em 86.*

ACO: É...

⁹ FASE - Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional

¹⁰ CEDAC - Centro de Ação Comunitária

¹¹ PT - Partido dos Trabalhadores

EB: *Na greve de 86, foram duas greves, duas invasões em 86, duas greves em 87, duas invasões, e 88 teve uma antes, essa de novembro, e a de novembro teria sido a sexta invasão militar, em novembro de 89, 88. Então vamos voltar... as primeiras invasões militares o que que você se lembra?*

ACO: Olha só, eh... essa cronologia talvez eu não vá conseguir, né? Organizá-la. Mas eu me recordo que a primeira invasão do... do BIB¹², né, do BIMtz¹³, né, já... do BIMtz... (inaudível) De Infantaria Motorizada, e... foi... eh... em 96, que eu já tinha retornado...

EB: 86.

ACO: 86, 86 porque eu já tinha retornado, como eu disse, eu já tinha demitido em abril de 85 e voltei em dezembro de 85, mas de fato eu fui trabalhar em janeiro de 86. E quando foi uma Greve Geral a gente... eu estava dentro da fábrica, eh... quando eh... a invasão e eu me recordo até que a gente estava tentando resistir e a gente não conseguiu chegar no serviço de ponto já que desocuparam... a gente foi para o serviço de ponto, aí não sei porque cargas d'água a gente foi jantar, aí quando voltamos a gente já estava lá, aí já não deixaram a gente se aproximar mais, como forma de desmobilizar e acabou sendo desmobilizado, né. Eh... logo em seguida, no ano seguinte, eu já fui demitido...

EB: *Na Greve Geral?*

ACO: Na Greve Geral no dia 20 de agosto de 87, eu fui demitido novamente...

EB: *Aí já um grupo maior...*

ACO: Isso... aí foi aberto um inquérito administrativo, eh... com os sindicalistas...

(inaudível)

EB: *Uns falam em 52 demitidos...*

¹² BIB - Batalhão de Infantaria Blindada do Exército

¹³ BIMtz - Batalhão de Infantaria Motorizada do Exército

ACO: Acho que dessa época foram um pouco mais, né?

EB: *Uns 86...*

ACO: É, isso... eh... e quando foi em 88, a Greve de 88, a fatídica Greve de 88, a gente retornou por força da greve, né, e do acordo.

EB: *Você estava no... no...*

ACO: Na de 86 foi o que eu falei, eu acompanhei lá dentro da fábrica, acabou a greve não se mantendo já que o Exército logo entrou, o pessoal ficou meio amedrontado e acabou a greve se esvaziando, né. Por mais que a gente conversasse com os companheiros, e tal, eles ficaram amedrontados e acabou não acontecendo. Só antes, eu gostaria de informar que, eh... em 84, houve um comentário, que nunca provou isso, eu também nunca consegui comprovar, que o Exército estava de prontidão na Dutra, para ocupar a CSN, mas isso ninguém nunca provou, por A mais B, e nem eu consegui provar, mas havia comentários de que eles já estavam de prontidão para entrar na fábrica...

(inaudível)

ACO: Vários eram os comentários... eram esses, mas você nunca comprovar, agora já a de 86 não, eu vi, eu estava dentro da fábrica, eu disse anteriormente e estavam lá os soldados de baioneta, eh... buscando esvaziar, não teve nenhuma agressão, e tal, mas a presença dele ostensivo lá dentro deixou amedrontar muitos trabalhadores com medo de que pudesse acontecer alguma coisa, como aconteceu em 88. Bom, aí eu fui detido novamente e aí eu continuei militando pelo lado de fora, não parei em momento algum...

EB: *Vocês chegaram a formar um coletivo dos demitidos.*

ACO: Isso, a gente montou uma comissão dos demitidos, né, um comitê dos demitidos, né. Montamos o comitê dos demitidos, nos reunimos na sede velha dos Sindicato dos Metalúrgicos, na Amaral Peixoto, inclusive já não existe mais o prédio, para mim foi derrubado, estava sendo construído um outro, eh... ah... onde a gente se reunia, nos reuníamos semanalmente, eh... e ali a gente começou a cobrar da direção do Sindicato o nosso retorno. E, inclusive, exigimos que

essa discussão foi pautado na Greve de 88, né. E aí foi colocado, tanto que foi colocado e foi um dos motivos que a gente voltou, porque era uma coisa que a militância, os operários lá dentro cobravam, o nosso retorno e o Juarez teve que botar na mesa e bancar, vamos dizer assim, né.

EB: *Qual foi o critério que você... para essas demissões? Como você explica esse número tão alto de demitidos? Foi aleatório ou tinha um...*

ACO: Bom, depois você vai... eh... naquele momento ainda não se falava na tal da privatização, mas você vai observando que já tinha alguma coisa por trás, você fechando, né. E você percebe que era isso, né. Naquele momento, minha opinião é que a CSN já começava a querer limpar, vamos dizer assim, o trecho, uma palavra assim... bem...

(inaudível)

ACO: Tirar as lideranças que eram... eh... porque quando a gente ia, o Sindicato fazia o chamamento do movimento paredista, a gente caía dentro da fábrica reunia, fazia reuniões, eh... com vários companheiros, né. Na hora do almoço, dizendo da importância, eh... da participação e o pessoal vinha, eles confiavam na gente, né. Eles confiavam na gente porque a gente, tipo assim... a gente nunca vacilamos, sempre estava à frente do movimento mesmo, tanto que eu fico até meio constrangido quando alguém me cumprimenta na rua: “E aí, Adel? Tudo bem?”, “Tudo bem”, pô, legal, e aí? Quem é o cidadão? E você é muito conhecido e você não consegue, eh... todo mundo, isso mostra o seu conhecimento, né. Inclusive a referência que as pessoas têm por você dentro da fábrica, inclusive até hoje, né.

EB: *Mas o que explica eles terem demitido vocês eh... vocês não podiam mais entrar na fábrica e a... a... ter sido uma greve tão forte assim no ano seguinte...*

ACO: Mas aqui fora, por incrível que pareça, aqui fora, a gente fazia o trabalho, no meu... eu morava no Volta Grande na época, né. Era operário, comprei uma casa no Volta Grande, e morava, e lá eu fazia parte da associação de moradores do bairro, e nós tínhamos reuniões com aproximadamente 200, 300 pessoas todas as terças-feiras no CIEP¹⁴, no Volta Grande porque

¹⁴ CIEP - Centros Integrados de Educação Pública

nós tínhamos um debate sobre a... casa, o valor da prestação da casa, e nessa discussão a gente colocava no bojo a discussão política dos operários da CSN, então nessas reuniões a gente já colocava essa questão da importância, porque a gente não saímos do movimento, então eu continuava acompanhando, toda vez que o Sindicato chamava para um movimento a gente estava participando e mobilizando os trabalhadores, tanto que foi um dos motivos que fez um dos trabalhadores cobrassem nosso retorno para dentro da fábrica, né. Porque era um ponto de pauta na Greve, eh... na Greve de 1988.

EB: *E... como você explica eh... a violência que foi a intervenção do Exército em novembro de 88, todas as intervenções são violentas, mas eh... foi exagerado, foi despropositado a ação, a agressividade do Exército em novembro, eles já tinham invadido cinco vezes antes, essa era a sexta vez que invadia, nas outras vezes, apesar de violento, opressor não houve o... assassinatos, feridos por bala, então, o que você explica?*

ACO: Olha, as outras invasões do Exército normalmente sempre foram feitas pelo quartel de Barra Mansa, né, quartel de Barra Mansa. E no quartel de Barra Mansa, eu tinha amigos que serviam lá, conhecido, alguém que servia, né. E fora os outros operários que tinham filhos, né?

EB: *Irmão...*

ACO: Irmãos... mas, assim... já na de 88 tinha um misto aí de discussão política-sindical com político-partidária porque nós estávamos num momento de eleição e gente sabe, guardado aí as questões que o Juarez era candidato na época, que inclusive estava afastado do Sindicato, Juarez... o... Marcelo Felício era o presidente legalmente, constituído, já que ele teve que afastar, mas quem dava... fazias as assembleias e as greves, dava todas as orientações era o Juarez Antunes pela sua liderança nata, né. E aí nesse período, eles não vieram só com... aliás, começaram com os soldados de Barra Mansa, tentando amedrontar porque a estratégia deles é tirar os trabalhadores, e dentro da fábrica e nós fizemos uma greve de ocupação, né. Muitas das outras greves nós não fizemos de ocupação, nós saímos para o lado de fora da fábrica e paramos a fábrica. Nessa não, nós paramos a fábrica, dentro da fábrica do lado da máquina e a estratégia deles era tirar os trabalhadores.

EB: *Os trabalhadores não saíram...*

ACO: Os trabalhadores não iam sair, aí eles convocaram outros quartéis para dar apoio e aí é que a coisa degingolou porque... porque esses outros soldados não tinham nada a ver com Volta Redonda, segundo informações veio soldados de Petrópolis, de outros quartéis, do Rio, né. Os da PM¹⁵ também, na época o governador era o Wellington Moreira Franco, né. Eh... é que também não tinha compromisso, e aí esses... esses que fez a repressão de fato porque inclusive os soldados daqui da região, que segundo informações eles não tiveram uma participação tão ativa já que eles tinham parentes, né. Quem atuou mesmo foi o contingente de fora de Volta Redonda. E isso, segundo informação do coronel Luiz Lopes, né. Era para dar o exemplo aos trabalhadores que a Nova República não estava brincando em serviço, né. Então eles vieram para, segundo eles, desocupar a fábrica e que se fosse necessário derramar sangue, né. Para dar o exemplo, eles fariam e como fizeram, né. E isso foi muito bom para que a população brasileira e os trabalhadores de Volta Redonda, a sociedade voltarredondense, descobrisse o que o aparato em favor do capitalismo brasileiro, né. Eles não medem nenhuma consequência para um ato que eles querem que se materializar para fazer valer, né. Os seus intentos e eu fico até constrangido em dizer, mas o coronel, o general, coronel na época que foi comandante dessa... desse trágico episódio depois foi agraciado com medalhas, né. E inclusive foi alçado a ministro do tribunal militar...

(inaudível)

EB: *Foi o Fernando Henrique até que...*

ACO: Isso, que o... e a gente sempre pediu que isso fosse apurado pela forma violenta como foi feita a coisa, e até hoje o moço está lá, intocável, não tem governo Lula, não tem governo Dilma que dê jeito nisso, né. Quer dizer, colocando-se como se nós que estávamos reivindicando um dispositivo constitucional, né. Que era os reajustes, o turno de 6 horas e a demissão, a readmissão dos demitidos estávamos na ilegalidade, o que não é verdade, nós estávamos reivindicando direitos que estavam consignados na Carta que tinha acabado de sair a pouco tempo do forno, mas mesmo assim a gente foi... como dizer, como se diz na gíria *escrachado*, né, porque a gente estava reivindicando um direito líquido e certo.

EB: *A violência resultou na morte dos três operários...*

¹⁵ PM - Polícia Militar

ACO: Dos três operários...

EB: *Vários feridos...*

ACO: Sim, e aí... há, assim... a informação também que ninguém também consegue provar que teve até muito mais mortes que os três, né. Que foram vitimados.

EB: *Qual a informação que... que se baseia nisso? Que teriam...*

ACO: Olha... eh....

EB: *Que pode ser desaparecidos...*

ACO: Eu tive até conversando com alguns operários depois que foi falado que no Hospital da CSN alguns médicos, né, eh... que até, assim... solidário à situação e revoltado com o que aconteceu esconderam trabalhadores dentro do Hospital da CSN, né. Não deixaram alguns agentes entrar dentro do Hospital para pegar trabalhadores lá dentro, né, não permitiu que eles entrassem, né, “Vocês não podem entrar aqui, pronto acabou”, “Não, mas tem alguém ferido aí, pode entrar...”, e mesmo os caras, o pessoal sendo ligado ao Exército, ao SNI¹⁶, mas não foram permitidos. Eh... mas segundo alguns operários isso não aconteceu com todos eles, alguns que foram feridos pelo meio do caminho, né. E que estavam indo em direção foram pegos, e aí há essa suposição que esses desapareceram. Eu fico meio cético com relação a essa informação porque o familiar normalmente ia dar falta do seu, como ninguém reclamou o seu ocorriam... mas...

EB: *De qualquer forma...*

ACO: Isso no episódio, no calor da emoção, as pessoas falam: “Não”, falam que morreu só três, mas provavelmente morreram mais de três, mas eu não corroboro dessa mesma ideia porque...

¹⁶ SNI - Serviço Nacional de Informações

EB: *E também a questão da violência que...*

ACO: Sim...

(inaudível)

EB: *Dava a impressão de que outros teriam sido...*

ACO: É... eles vieram mesmo para poder... sacudir... sacudir... (inaudível) sacudir a cidade, né. Eh... eles jogaram bomba de gás lacrimogênio em ônibus que estava passando normalmente, inclusive com mulheres grávidas dentro de ônibus, mas jogaram bomba assim mesmo, né. Eh... lembro até que espancaram um casal que estava ali que hoje atualmente é aquela empresa de *fast food*, né. Na Vila, em frente o Escritório Central, talvez eles estavam ali namorando quando eles chegaram espancando, o casal de namorado não tinha nada a ver com a história...

(inaudível)

ACO: Ao mesmo tempo, dispersando o pessoal da assembleia cá fora, para evitar que entrasse dentro da fábrica para socorrer os companheiros, se solidarizar com os companheiros que estavam sendo atacados por dentro da fábrica. Só que dentro da fábrica era mais dando tiro mesmo, causando a letalidade e cá fora espancando, jogando bomba de gás, efeito moral e fazendo com que as pessoas se afastassem da porta da fábrica, né.

EB: *Depois teve alguma apuração no número de feridos, teve alguma identificação das pessoas que foram feridas?*

ACO: Eh... o que eu acompanhei foi que a própria Cúria Diocesana editou um vídeo, aonde apareceram feridos que... depois, depois fizeram depoimentos, que ocorreu com eles, né. Inclusive eu me lembro que não me sai da cabeça que um rapaz que morava no 9 de Abril que usa muleta, parece que levou um tiro na altura da bacia alguma coisa assim, né. Provavelmente deve estar vivo, né. Tinha um outro colega meu, o Hamilton morava aqui no cemitério novo, perto da casa do Carlos Magno, Antônio, Matheus, que também era um dos demitidos eh... o Hamilton levou um tiro no dedo, no polegar, eu lembro de o meu vizinho no Acampamento Central, e depois disso a gente conversou várias vezes e ele mostra o ferimento no dedo, foi

quando deram o disparo que pega o dedo dele, né. Mas a gente... eu, por exemplo, não estava, nesse momento, nesse período, não estava dentro da fábrica, né. Porque eu estava demitido e a gente fez o trabalho externo participando das assembleias também, já que nós estávamos sendo agraciados com a proposta do retorno dos demitidos.

EB: *O começo do... da greve foi quando os operários formaram uma unidade e conseguiram a vitória do turno de seis horas e a volta dos demitidos?*

ACO: *É...*

EB: *Você estava no grupo que foi readmitido?*

ACO: Isso. E para isso... só anteriormente, para isso eu tenho que dizer anteriormente, não é só os... o Juarez fez uma caravana a Brasília para levar as emendas à Constituição, como também levar algumas propostas de aposentados, então saiu vários ônibus de Volta Redonda e nós solicitamos ao Sindicato um espaço nesse ônibus, né. E aí fomos, né. Nessa caravana a Brasília, nós, os demitidos, fomos com a caravana a Brasília junto com a direção que estava no inquérito administrativo, aonde nós fizemos um *lobby* dentro do Congresso pedindo aos deputados que pudesse junto com outros companheiros de outras empresas, né. Eh... também demitidos nesse período que pudessem constar, como consta, né. O artigo 8º da ADCT, eh... para que pudesse encostar que ali estaria sendo feita a anistia dos demitidos perseguidos por movimento paredista ou movimentos políticos, né. E conseguimos cravar esse dispositivo na Constituição, né. Ou seja, foi vitoriosa a nossa ida à Comissão, o Comitê de Anistiados criados aqui em Volta Redonda se juntou com os demais do Brasil todo, eh... conseguimos cravar essa, esse dispositivo...

EB: *Foi uma vitória política...*

ACO: E aí, quando foi proposto o nosso retorno e gente também solicitou... aí quando tinha greve a gente solicitou a direção do Sindicato para que pautasse o retorno dos demitidos baseado nesse dispositivo Constitucional, né. E também em cima dessa questão da morte dos operários a CSN viu que a coisa ficou bastante crítica junto com o Dom Waldyr, o prefeito Marino Clinger Toledo Neto, numa conversa com o Juvenal da CSN, então consegui alguns, garantir que algumas propostas fossem materializadas e aí nós conseguimos retornar, mas... conseguimos

retornar, fomos readmitidos, não fomos anistiados, fomos readmitidos com outra matrícula, inclusive, mas continuamos sendo perseguido pela empresa dentro, depois de nós sendo readmitidos, porque a gente não voltou para dentro da fábrica, a gente ficou em disponibilidade pela empresa muito tempo e teve um momento que ela tentou nos tirar, né, daqui da cidade, eu, por exemplo, estava sendo mandado para Itaguaí, não se porque eu vim de Itaguaí (risos), aí acharam melhor voltar para lá, já tinha o conhecimento ia trabalhar no cais de Sepetiba, né. Que era da CSN, outros companheiros iam para o Paraná, né, Santa Catarina, outros iriam para São Paulo e aí o... nós nos reunimos, foi até o companheiro Carlos Alexandre Honorato, o Cerezo, que propôs que a gente não saísse daqui porque ele teve uma percepção de que a CSN queria nos desmobilizar e nos tornar enfraquecidos nesses outros pontos aonde seria feito a demissão novamente e, como de fato, mesmo a gente não tendo ido, a gente foi demitido no ano de 90 outra vez com a questão da privatização.

EB: *Foi a última demissão?*

ACO: Aí foi a nossa última demissão, que a gente não voltou mais, mas... eh... eh... aí a gente foi para empresa dizendo que a gente não ia sair daqui de Volta Redonda, alguns atrasando condução, avião pra levar, levar os móveis, mas a gente decidiu que ninguém sairia e todo mundo fechou questão que ninguém queria ir, né, sair da cidade, e fomos para a empresa e resistimos, e a gente continuou permanecendo aqui. Mas ficamos, continuamos em disponibilidade por muito tempo, eh... durante o processo de eleição de CIPA¹⁷, em que a gente, como empregado, fora da fábrica, mas com a referência àquele departamento, a gente colocou o nome à disposição para ser os cipistas, uma forma de criar um problema político com a CSN e aí vários companheiros desses que concorreram, ganharam, porque os trabalhadores lá dentro, solidários conosco acabou elegendo com uma votação máxima esses companheiros e eles voltaram para a fábrica e eu fiquei como suplente, eu também fui encaminhado para a SOM novamente, aí sim, eu voltei para a SOM, mas aí fiquei entrando na discussão daquela Greve de 30 dias, a última Greve de 30 dias que aconteceu e aonde estava no bojo a questão da privatização da FEM, da CSN, a gente fazia esse debate lá dentro e aí quando terminou a greve, já com o presidente, eh... o... Lima Netto, né? O Procópio Lima Netto, esse... terminou a greve então, ele fez a limpa novamente demitindo todo mundo, abrindo inquérito administrativo contra os dirigentes sindicais, cipistas, e demitimos os demais.

¹⁷ CIPA - Comissão Interna de Prevenção de Acidentes

EB: *Eh... você depois... a... você entrou o processo de anistia?*

ACO: É, nós entramos com o processo de... fomos para um processo jurídico, né. Que se arrastou... o meu, por exemplo, foi concluído nos anos de 1986, em 96, aproximadamente, né, de 90 a 96, ou seja, se eu tivesse que esperar para voltar já tinha morrido de fome provavelmente, né? Eh... vários companheiros, nesse período, acabaram fazendo acordo com a CSN, foram obrigados a fazer acordo com a CSN. Pegaram o seu dinheiro, deram baixa nas suas carteiras e seguiram suas vidas, mas eu nesse período e a companheira Maria da Conceição dos Santos estávamos trabalhando na Prefeitura de Volta Redonda, já que o prefeito Paulo César Baltazar da Nóbrega era eleito, nós como militante do Partido dos Trabalhadores, nós acabamos sendo convidados a trabalhar na assessoria e aí a gente sentiu que tinha um fôlego, e a gente continuou resistindo aos processos na Justiça o que é apreciado no momento, mas que chama a audiência para o próximo momento, enfim... foi enrolando até que nós acabamos tirando o processo da mão dos advogados do Sindicato, constituímos novos... novo advogado e... eh... numa dessas audiências, então, o Juiz perguntou para a empresa se teria acordo, aí nós não queríamos fazer acordo, mas o nosso advogado acabou aconselhando a gente a fazer acordo, nós não éramos portadores de estabilidade, nem eu nem Conceição, e que nesse caso a gente não teria como retornar a empresa... e aí acabamos com essa... essa força Lu e eu, particularmente muito contrariado e Conceição também, acabou fazendo um acordo com a empresa, mas isso depois de uns 6 anos aproximadamente nessa batalha com a Justiça, alguns... alguns juízes, nesse período, concordavam com a gente, no caso uma Juíza que esteve aqui na 1ª Junta e outros Juízes que discordavam da gente, né? Então, essa última crise era um Juiz que estava para, tipo assim... eh... negar a... a nossa anistia. E ele segundo Doutor Márcio Cucu, ele pré-julgou a decisão dele quando ele disse que a gente não queria fazer o acordo e verbalizou que: “Doutor, seus clientes não portadores de estabilidade e nesse sentido eu posso até nem dar a... a reintegração, e aí o doutor Márcio fez a leitura e ele já falou que não vai fazer, então eu acho melhor fazer o acordo”. Então, fizemos um acordo, pegamos nosso dinheiro e fomos viver nossa vida.

EB: *Adel, agora para a gente concluir, qual a importância que você vê da Comissão da Verdade colocar esse ponto em pauta e como foco de pesquisa e construção da verdade?*

ACO: Olha... eu... eu tenho um processo na Comissão de Anistia em Brasília também no qual eu fui agraciado com essa anistia integral também, né, de salários vencidos e vincendos, falta fazer o quantitativo para fazer o recebimento da prestação continuada e a minha indenização, mas nesse período que a gente está indo a Brasília, a gente sempre fez esse debate lá e em um dos seminários que a Comissão de Anistia promoveu uma das questões era abrir os arquivos, né, abrir os arquivos... e nós nos colocamos, do grupo da anistia, da comissão de anistiados de Volta Redonda, nos colocamos favoráveis que esses arquivos, que tinham até uma certa resistência muito grande para serem abertos, eles fossem colocados à disposição da sociedade brasileira para saber, para contar essa história, né?

EB: *Só que a CSN, ela não...*

ACO: Ela se nega, né? A gente sabe, inclusive, foram feitas diligências nos nossos requerimentos, né, à CSN e ela passa informações bastante superficiais, né. Eh... da nossa história como profissional dentro da fábrica, a gente sabe disso... mas isso acabou não impedindo que a gente fosse anistiado porque como a gente era acompanhado pelo serviço de informação, o próprio serviço de informação diz que o Estado nos perseguiu, né. Nos colocaram sob vigilância, né, e isso já é um fato, eh... latente para a Comissão de Anistia, que você era um ativista, quando você está sendo vigiado.

EB: *Então a prova...*

ACO: Cabal.

EB: *E isso foi até depois da privatização?*

ACO: Sim... até porque a Constituição, ela foi promulgada em 05 de outubro de 88, e nós fomos vigiados até os anos 90... (Sobreposição de vozes 42min32seg) então a gente provas no nosso arquivo que a gente estava sendo vigiado, né? E confesso aqui a todos que muitos desses eu nem lembrava mais de reuniões que eu participei no Rio de Janeiro e lendo lá que é... eu estava nesse dia mesmo. E o que você falou, né? Abre aspas “disse isso, isso, isso, isso”, que é interessante, né? Inclusive uma fala que eu fiz na... quando eu fui eleito diretor da FAMERJ¹⁸,

¹⁸ FAMERJ - Federação das Associações de Moradores do Estado do Rio de Janeiro

Federação das Associações de Moradores, em 86, 86, e aí inclusive quando da Greve de 88, eu estava na direção da FAMERJ ainda e nessa época eu falo na questão do Sarney, das demandas... estava tudo escrito lá (inaudível). Então... eu, particularmente, acho fundamental que essa... a Comissão da Verdade, que os arquivos sejam abertos para justamente no futuro e eu até fico um pouco constrangido mais uma vez quando vejo que muitos garotos hoje, inclusive, de faculdade, que estão na academia, não sabe o que de fato aconteceu aqui em 1988, né. Eu participei de seminários aqui chamado pela UniFOA¹⁹ através da diretoria do departamento de Direito e Assistência Social e quando os alunos... as pessoas eram questionadas em plenário... “Ah, meu pai mesmo falou que...”, então uma coisa que para a gente está presente, é muito presente, eles não sabem, até porque a gente... eh... também, o movimento, as entidades não dão também muita importância em reconhecer, não tem dado tanta ênfase em deixar isso bastante latente no dia a dia dos voltarredoneses e quem sabe do povo brasileiro, porque aquela greve mexeu com o Brasil todo, inclusive, com países de fora do Brasil, né? Para mim é importantíssimo que esses arquivos seja concluído e disponibilizado para a sociedade brasileira e hoje infelizmente a gente está vendo aí um grupo de pessoas chamando a Ditadura Militar novamente para se colocar fogo, depois de uma eleição democrática e as pessoas democraticamente estão indo para rua com as suas bandeiras pedindo ali o fechamento, a não democracia, o que é um dissenso, né? Mas é porque essas pessoas também não sabem o que se passou por aquele período, né. Então, eu parabenizo a Comissão de Anistia, a Comissão da Verdade, por essa iniciativa porque a gente pode saber muitas coisas que inclusive ainda nesse momento a gente não tem essa informação como um todo.

EB: *Adel, muito obrigado, a Comissão da Verdade agradece a sua participação aqui Adel e valeu...*

ACO: Eu agradeço, agradeço à Comissão da Verdade, agradeço a todos os companheiros que estiveram comigo nessa jornada, né. Uma coisa que a gente não...

[FIM DO DEPOIMENTO]

¹⁹ UniFOA - Centro Universitário de Volta Redonda